

A alfabetização de alunos surdos nas escolas do município do Rio de Janeiro:

Maria Alice Oliveira da Silva*

Como preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (de 20/12/96), que diz em seu artigo 58, parágrafo 2 que: “... o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular”, possuímos, deste modo, alunos a partir dos três anos de idade, integrados em turmas regulares de Educação Infantil, com apoio específico, em horário oposto, em Salas de Recursos (SR). Há 61 Salas de Recursos, distribuídas pelas 10 Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) da Secretaria Municipal de Educação (SME), que atendem alunos integrados nas turmas regulares, desde a Educação Infantil até a 8ª série.

Há 65 Classes Especiais (CE), que trabalham com alunos a partir dos seis anos de idade. Estas classes funcionam no interior das escolas regulares e possuem um número máximo de até dez alunos. Preferivelmente, esses alunos são agrupados por idade, mas, o professor poderá ter, na mesma classe, alunos de diferentes níveis. A CE trabalha com níveis que correspondem a:

- N1 – desenvolvimento de habilidades relacionadas ao processo de aquisição do código escrito;
- N2 – ampliação e aprofundamento do trabalho com a Língua Portuguesa;
- N3 – desenvolvimento de habilidades relacionadas às necessidades fundamentais para o ingresso na 5ª série.

A criança que estiver numa CE poderá, a qualquer momento, ser encaminhada para uma turma regular. Esta decisão tem por base um processo de avaliação que é de responsabilidade da escola, da CRE e da equipe do Instituto Helena Antipoff (IHA) que faz o acompanhamento da unidade escolar onde a CE estiver inserida. Este encaminhamento só será efetivado se for, de fato, benéfico para o aluno e atender às suas necessidades.

A maior preocupação das equipes tem sido avaliar constantemente cada aluno, levantando suas necessidades e observando onde elas serão mais bem atendidas, verificando qual a modalidade de atendimento mais adequada em cada caso. Não há, portanto, uma regra, que se aplique de modo generalizado, sem distinção, que diga que todo aluno surdo será encaminhado obrigatoriamente para uma CE, uma SR ou uma escola especial. O que pretendemos é, a partir do conhecimento do aluno e do levantamento das necessidades educacionais especiais, verificar a modalidade mais adequada e onde ele terá mais progresso.

Independente da modalidade de atendimento a que pode ser encaminhado um aluno portador de necessidades educacionais especiais, o que a SME/IHA tem como objetivo é garantir, para qualquer aluno, o que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê em seu artigo 53:

“Direito à educação visando pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”.

* Professora do Instituto Helena Antipoff da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – RJ.

Essa é a função da escola pública: conseguir que qualquer aluno, seja ele portador de necessidades educacionais especiais ou não, tenha acesso à escola, permanecendo nela, sem sofrer qualquer tipo de discriminação que venha a levar à exclusão, recebendo uma educação de qualidade que permita, a todos, construir conhecimentos e desenvolver competências que permitam maior inserção social. Tendo consciência da diversidade de alunos presentes na escola, ela deverá buscar ações que demonstrem que toda a equipe técnico-pedagógica está envolvida, de modo a tentar atender às necessidades educacionais de seus alunos. Para isso, se faz cada vez mais necessário que todos os profissionais da unidade escolar se envolvam no processo de discussão, garantindo um Projeto Político Pedagógico que atenda à heterogeneidade de alunos existentes em cada escola, entre eles os portadores de necessidades educacionais especiais. Buscar alternativas de trabalho que garantam o atendimento das necessidades de todo o alunado, nos levam a apontar a importância de se resgatar um aspecto vital no trabalho educacional – o Planejamento. Para garantirmos a qualidade do atendimento educacional e ter certeza de que as atividades elaboradas para cada grupo de alunos são realmente adequadas e permitem que o aluno desenvolva, através delas, determinadas habilidades previstas para cada nível, é fundamental que o professor pare para pensar, refletir, planejar, buscando as melhores estratégias de trabalho e promova as adaptações necessárias para cada aluno. Os alunos são diferentes, portanto, exigirão respostas diferenciadas da escola/professor. Diversificar as atividades para garantir cada vez mais um ensino mais individualizado, será fundamental para se chegar ao sucesso.

Outro ponto importante no trabalho do professor, seja ele alfabetizador ou não, é basear sua atuação no conhecimento da realidade do seu grupo, de seus desejos, hábitos e gostos. Qualquer aluno, seja ele surdo ou não, traz para o interior da sala de aula conhecimentos prévios sobre diferentes conceitos. Histórias de vida estão por trás de cada rosto e devem ser ouvidas. Sendo surdo, possuindo ou não linguagem oral, ele fala de si para nós – com gestos, com desenhos, com o corpo etc. Ele procura estabelecer este diálogo ao entrar para a escola. Devemos incentivá-lo à troca. Saber ouvir é muito importante neste processo. Partindo sempre dos interesses trazidos pelo grupo, será mais fácil motivá-los. O papel do professor, neste momento, é incentivar cada aluno a falar e, principalmente, ouvir, negociar idéias, dialogar. Em relação à necessidade de se estabelecer o diálogo na sala de aula, é importante ressaltar a qualidade deste diálogo no processo de constituição da língua oral ou mesmo a de sinais. Cito aqui um artigo da revista Espaço, onde Marilene Nogueira diz:

“As formas apropriadas de perguntas, aquelas estimulantes, são iniciadas pelas questões: Por que? Como? E se? As que envolvem as expressões: O que é isso? Faça isso? Ou pegue isso, não são ricas em estímulo.”

“... Em suma, os pais (e/ou professor) exercem uma significativa influência na educação da criança surda e a frequência e a natureza de suas interações com seus filhos – e não a modalidade de comunicação utilizada – parecem ser os fatores mais importantes para o seu desenvolvimento”.

A partir da interação, passamos a conhecer melhor cada aluno. Percebemos que todo aluno chega à escola com conhecimentos espontâneos sobre o mundo que o cerca. Deste modo, podemos dizer que a criança vivencia, fora da escola, diferentes situações do mundo, lendo-o à sua maneira. Assim, também vivenciará o

mundo das letras. Se acreditamos que o aluno traz uma bagagem, um conhecimento prévio sobre várias questões, porque não traria também sobre a escrita? Por que não pensaria também sobre este outro objeto do conhecimento – a língua? Esta língua, que além de ser objeto de conhecimento a ser estudado de modo mais estruturado no interior da sala de aula, também servirá de ponte para a construção de outros conhecimentos.

Outro ponto importante no nosso trabalho será, então, verificar o que o aluno já conhece desta Língua Portuguesa e trabalhar a partir destes conhecimentos, trazendo esta língua para a sala de aula, de modo que ela seja, de fato, necessária, tanto na sua modalidade oral, quanto escrita. Através de atividades que demonstrem a função e a importância da língua oral e da escrita no dia-a-dia, é que vamos estimular os alunos a usá-la e a conhecê-la melhor.

O professor deve buscar situações reais para seu uso: ouvir o professor ler uma história, registrar um bilhete para o pai, anotar seu nome na folha para identificá-la, deixar material escrito disponível pela sala são situações que irão despertando o interesse pela leitura e escrita, demonstrando para o aluno sua função social.

Procuramos trabalhar com temas do interesse do grupo. Eles serão os norteadores das trocas ocorridas em sala. Sobre eles, textos serão registrados nos blocões. As conclusões, opiniões e o resumo das conversas ocorridas serão escritas pela professora ou pelo próprio grupo, dependendo do nível da turma. Textos sobre o assunto central serão trazidos pela professora para complementar o assunto: músicas, histórias, notícias etc. Este material escrito terá significado para o grupo, pois terá partido de um desejo, de um interesse deles.

A partir do tema escolhido, o professor vai planejar atividades buscando desenvolvê-las de modo interdisciplinar, ou seja, observando que outros conceitos poderão ser trabalhados nas diferentes áreas do conhecimento para complementar o tema, a discussão inicial. Todo o conteúdo lingüístico que surgir dentro deste tema, que estará então contextualizado, será vivenciado pelos alunos e poderá ser aproveitado para a sistematização do código escrito através de diversas atividades. Todo o trabalho se baseia no desenvolvimento da compreensão e da expressão do pensamento tanto na forma oral, quanto na escrita, a partir de uma temática significativa para o grupo. Partimos de um contexto que servirá de campo para montagem de textos variados.

Não trabalhamos com cartilhas, já que elas não refletem os interesses do grupo, não se baseiam na realidade vivida. Os textos utilizados por nós para servirem de análise lingüística e sistematização da alfabetização são textos construídos com os alunos e registrados pelo professor ou pelos próprios alunos, mas que devem possuir características de texto.

“O texto é um discurso oral ou escrito produzido em uma situação social. Um texto pode ser constituído por uma só palavra, por uma lista de palavras e por um conjunto de frases. Por exemplo, numa situação de afogamento no mar, a palavra “Socorro” é um texto, porque não é uma palavra sem sentido, sem contexto. Uma lista de compras, uma listagem de nomes de animais, o rol dos nomes dos alunos de uma classe, todas estas situações configuram um texto. Uma história contada pelo aluno, um texto literário, uma poesia, um livro científico, cada um deles constitui um texto porque há uma unidade de sentido em relação a uma dada situação.” (MOVA/SP)

Se trabalharmos com textos que reflitam o discurso real, o enunciado vivido, estaremos auxiliando o aluno a perceber que a escrita é realmente expressão de

pensamento e tem uma função social.

Estes textos, portanto, servirão de base para as atividades de análise da língua escrita, auxiliando o processo de alfabetização e apropriação da língua que o cerca. As unidades lingüísticas menos amplas (letras, frases, sílabas) serão então analisadas de modo funcional, a partir de um contexto lingüístico mais amplo.

Diferentemente de algumas correntes que acreditam que basta o aluno estar imerso num mundo de fala, leitura e escrita para se apropriar da língua (oral e escrita), não trabalhamos de modo espontaneísta, pelo contrário, o professor deverá planejar atividades com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o aluno quanto ao processo de reflexão sobre a língua, auxiliando-o a refletir sobre a mesma, observando semelhanças e diferenças nas palavras dos textos, pesquisando outras palavras a partir daí etc.

Utilizando os textos registrados ou trazidos para a sala de aula, o professor fará um trabalho de ampliação da compreensão do conteúdo dos mesmos – desenhar, dramatizar, conversar sobre o texto, fazer pesquisas sobre o assunto, reorganizar as frases etc., são atividades que poderão ser executadas pelos alunos com este objetivo.

A partir deste ponto, as palavras mais significativas relacionadas ao tema aparecerão em atividades planejadas: O Bingo, Caça-palavras, Jogo da Memória, Dominó, Forca etc. servirão para que o aluno possa estar ouvindo as palavras, falando sobre elas, escrevendo etc. Em outro momento, os alunos serão levados a buscar as semelhanças e diferenças nas palavras dos textos. Mais uma vez, preferivelmente usando jogos, os alunos realizarão atividades onde analisem as sílabas das palavras. A criança deve concluir tanto visualmente, quanto auditivamente, as semelhanças e diferenças nas sílabas: pesquisar palavras que comecem igual, envolver nos textos as sílabas iguais, brincar de dominó envolvendo desenho e sílaba inicial são atividades que podem ser utilizadas para este fim. A sílaba, a palavra e mesmo a frase, desde que contextualizadas, passam a ter outro significado.

Não temos a preocupação de seguir uma hierarquia de fonemas no momento da análise dos textos, considerando a existência de fonemas mais simples ou mais difíceis para o aluno. Dentro do texto, qualquer palavra poderá servir de ponto de partida para análise. O contexto vivido permitirá que qualquer palavra possa ser vivenciada, analisada e compreendida pelo aluno. Se ele tiver interesse no assunto, ele aprenderá.

O professor deve estar próximo ao aluno, mediando o processo, dando as pistas necessárias a cada um, para que realizem, com êxito, as atividades propostas.

À medida que a criança compreende o contexto, cria e entra em contato com diferentes tipos de textos sobre o assunto e analisa as palavras dos textos, vai vivenciando o processo de sistematização e se apropriando da linguagem. O tempo todo ela deve ser incentivada a escrever sobre o tema central. Para isto, se utilizará do material escrito que estiver fixado na sala de aula, bem como da ajuda do professor ou de um colega para escrever o que ainda não tiver autonomia.

O tempo todo o professor deve fazer com que o aluno explore os textos fixados na sala, levando-o a compará-lo e buscando ajuda para o que quer escrever.

É claro que o aluno não inicia o processo de construção de textos de modo autônomo. De início, vai usar o professor como escriba do seu pensamento. Entrando em contato com diferentes tipos de texto, analisando sua estrutura e o código escrito, tentando escrever através de comparação e análise da língua, sendo incentivado a fazer a escrita compartilhada e fazendo a revisão constante de seus textos, ele vai adquirindo maior independência na leitura e na escrita.

Outra preocupação neste processo é colocar o aluno em contato com diferentes tipos de textos, fazendo com que analisem sua estrutura e utilização. Observar para quem escrevo, quando e porque escrevo e como escrevo é fundamental. Ler diferentes tipos de texto para os alunos, pedir que observem suas estruturas e classifiquem-nas são situações que devem ser promovidas pelo professor, tanto com alunos que já possuem maior autonomia no processo de apropriação do código, quanto os que não a tem. Se realizarmos sistematicamente este trabalho com os textos, estaremos auxiliando os alunos a concluir a diferença entre uma poesia, uma notícia, uma lista etc. e quando as utilizaremos.

Outro ponto importante no nosso trabalho é fazer com que o aluno perceba os diferentes significados que uma palavra pode adquirir, dependendo do contexto em que aparece, bem como o sentido pessoal que elas assumem, dependendo, neste caso, da relação que o aluno estabelece entre o texto/palavra e a sua vivência anterior.

Numa mesma atividade podemos estar integrando os processos de falar/ler/escrever/analisar.

Com crianças de faixa etária baixa, principalmente, procuramos trabalhar de modo bastante lúdico. Os jogos devem fazer parte do dia-a-dia desta sala de aula.

“O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.” (PCN/LP)

Por este motivo, para nós, o acesso à Língua Portuguesa (seja ela oral ou escrita) é fundamental.

Nosso compromisso é que o aluno surdo construa diferentes conhecimentos/conceitos e entre eles a leitura e a escrita, ou seja, a Língua Portuguesa nas suas modalidades oral e escrita.

“Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso a saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável a todos”. (PCN/LP)

Este é o nosso desafio com o aluno surdo e com todos os outros. Qualquer instituição educacional tem de perseguir este objetivo e se avaliar o tempo todo buscando melhorar sua atuação. A escola deve procurar dar educação de qualidade, dando conta da diversidade de alunos que existe, fazendo com que todos construam conhecimentos para que possam ser autores de sua própria história. Devemos dar a eles ferramentas para que isso possa acontecer – e a leitura e a escrita são duas delas.